

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: CONSEQUÊNCIAS EMOCIONAIS NA MULHER VITIMIZADA¹

Renata Bezerra da Silva²

¹ DA SILVA, Renata Bezerra. Violência Obstétrica: consequências emocionais na mulher vitimizada. 2020.

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade Pitágoras - São Luís

Introdução – O presente artigo versa sobre todas as situações que configuram violência obstétrica e como elas acontecem, desde expressões verbais humilhantes, passando pela alta taxa de partos cesáreos, até os atos de violência física graves, todos executados por aqueles que são considerados socialmente e por lei cuidadores do bem estar físico e emocional da mulher puérpera. Traz à tona as consequências psicológicas danosas ocasionadas na vida de quem passa por esse tipo de violação, observando a necessidade de um olhar enfático e científico sobre as políticas públicas assistenciais à mulher puérpera, olhar esse construído através da escuta de seus relatos e suas necessidades como usuárias do sistema de saúde. O imperativo de empoderar a mulher e transformá-la em agente ativa de seus direitos, traz a necessidade de fazê-la conhecer suas garantias sociais, trabalhistas, educacionais, familiares e, sobretudo, assistenciais no que diz respeito à saúde, previstas por lei. Entende-se que o papel do profissional de Psicologia, bem como dos demais profissionais da saúde, faz-se mister no que concerne levar informação à mulher sobre o que constitui violação de seus direitos antes, durante e depois do parto.

Objetivos – Analisar as implicações emocionais acarretadas pela violência obstétrica na vida da mulher puérpera. Demonstrar como acontece a violação dos seus direitos e o que a coloca em estado de vítima, bem como avaliar qual significado a mulher passa a atribuir à maternidade após vivenciar situação de violência obstétrica, identificando situações de possíveis transtornos emocionais a serem desenvolvidos em decorrência da violência a qual foi submetida.

Resultados – Define-se violência obstétrica como violação do tipo psicológico, como ameaça, ironias e coerção; e do tipo físico, por meio da manipulação e exposição desnecessária do corpo da mulher, dificultando e tornando desagradável o momento do parto. Abrange também as más condutas por meio do corpo de funcionários do hospital, como mentir para a paciente quanto a sua condição de saúde, para induzir cesariana eletiva ou de não informar a paciente sobre a sua situação de saúde e procedimentos necessários. Se durante o processo de construção do vir-a-ser mãe, a mulher encara uma situação de violência, ela sofre uma ruptura em seu funcionamento psíquico, podendo produzir sentimentos que podem levá-la a questionar-se sobre a integridade de si e sobre o sentido de continuidade da vida. Em relação às regiões brasileiras que os estudos e pesquisas foram feitas e publicadas, notou-se que 54,54% constam na região Nordeste, 36,36% na região Sudeste e 9,09% na região Sul. Destarte, os estudos em literatura

detalham a Violência Obstétrica expondo os tipos de agressões sofridas pelas mulheres, sendo eles os toques vaginais frequentes e realizados por vários profissionais, episiotomia, proibição da ingesta líquida e alimentícia, negação da presença de um acompanhante, omissão e falta de informações fidedignas a respeito da evolução do trabalho de parto e situação atual do feto, entre as mais frequentes. Foi possível também notar, entre os estudos sobre a problemática, além da centralidade do tema, semelhanças em relação aos partos por cesárea em índices epidêmicos, falta de humanização do corpo funcional da maternidade/hospital e traumas que desencadeiam possíveis distúrbios emocionais a serem enfrentados não somente no ciclo gravídico, mas na vida contínua da mulher e do seu bebê.

Metodologia – O método selecionado para a produção do trabalho foi a revisão de literatura integrativa, que se refere a um levantamento e estudo acerca de uma pergunta norteadora que envolva diferentes ideologias a seu respeito, versando sobre a construção de uma análise ampla da literatura vigente, sendo parte importante para discussões sobre métodos de pesquisas e seus resultados, bem como reflexões sobre a realização de futuros estudos, consistindo na exposição de informações das diversas áreas da saúde pública sobre a problemática, principalmente no que concerne à Psicologia, com vistas a proporcionar conhecimentos atualizados sobre o tema e a melhorar a qualidade de vida da mulher.

Conclusões – As questões envolvidas na violência obstétrica relacionadas à construção da identidade de mãe por mulheres que vivenciam o parto como um evento violento e de forma ambivalente, dentro de uma concepção assistencial da saúde, mostram que a mulher com essa vivência tendem a sofrer danos psicológicos e físicos graves. Conclui-se também que existem limitações para realização de um estudo a respeito da violência obstétrica, pois há poucas literaturas que abordem a temática, sendo urgente a necessidade da realização de mais pesquisas para que subsidiem as criações de políticas acerca de tão importante tema da saúde pública. Pretende-se que o presente estudo contribua para assegurar os direitos das mulheres, bem como o protagonismo das mesmas e trazer conscientização aos profissionais da área da saúde para a problemática apresentada.

Palavras-chave – Violência Obstétrica, Saúde da Mulher, Violência de Gênero.